



## Prisões que escolhemos para viver

Alysson Tadeu Alves de Oliveira<sup>1</sup>

Mestrando do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês FFLCH-USP, Bolsista CNPq

**Resumo:** Acontecimentos mundiais do ano de 2013 materializaram momentos e temas descritos no romance *1984*, de George Orwell, e na HQ *V de Vingança*, de Alan Moore e David Lloyd, e suas respectivas adaptações para o cinema. Esse artigo comenta as obras literárias e cinematográficas sob a luz de fatos como a denúncia de Edward Snowden sobre a espionagem da internet, e de protestos pelo Brasil, no mês de junho, que usavam uma máscara inspirada no personagem dos quadrinhos, que cobria o rosto com uma imagem de Guy Fawkes, revolucionário inglês do século XVI.

**Palavras-chave:** 1984, Edward Snowden, Occupy, protesto, V de Vingança

Ao comentar o romance *1984*, o crítico e teórico norte-americano Fredric Jameson indaga: “se o pesadelo de [George] Orwell é uma expressão específica do modernismo, o que pode sobreviver na era pós-moderna?” (2007 [2005], p.201). Na nossa era, na qual o Grande Irmão se tornou um programa de televisão e a internet é espionada por países do centro do capitalismo, o pesadelo distópico do escritor inglês se materializou.

Orwell nunca quis escrever um romance premonitório. Sua ideia era uma sátira à Jonathan Swift em *As viagens de Gulliver*. Sátiras, porém, “dependem imensamente de referências contemporâneas, às quais o tempo pode corroer ou compreender mal, e as advertências dependem da plausibilidade nas circunstâncias do momento” (CRICK, 2009 [2007] p. 148). Mais de 60 anos depois do lançamento do romance – e quase 30 de sua segunda e mais famosa adaptação para o cinema – *1984* é vítima de uma leitura por um viés diferente daquele esperado pelo escritor: se torna profético em escala global.

---

<sup>1</sup> aly.oliveira@usp.br

De certa forma, o ano de 2013, acaba sendo para *1984* e para a *graphic novel V de Vingança*, de Alan Moore e David Lloyd, o ano das ideias fora do lugar, para usar uma expressão criada pelo crítico Roberto Schwarz, quando, em maio, Edward Snowden, ex-analista de inteligência americano, trouxe à tona programas de vigilância da internet dos Estados Unidos e Reino Unido, e poucas semanas depois uma onda de protestos no Brasil se valeu da máscara do rebelde inglês Guy Fawkes – inspirado nos movimentos *Occupy*, que aconteceram em diversos países a partir de 2011. Não existe uma linha direta que una esses dois acontecimentos, mas, em última instância, são dois momentos típicos de nosso tempo.

No Brasil, o *Occupy* chegou apenas em junho passado, e começou de forma discreta com um protesto contra o aumento em R\$ 0,20 do transporte público, até levar cerca de 250 mil pessoas para as ruas no dia 17 daquele mês. Nesse momento, as máscaras de Guy Fawkes, inspiradas na adaptação cinematográfica dos quadrinhos lançada em 2006, ganharam as ruas do país. Tal qual o personagem do filme, uma figura coberta com a máscara e se chamando de *Anonymous*, convoca as pessoas para saírem às ruas. Em seu site, afirma: “Nós somos uma ideia. Uma ideia que não pode ser contida, perseguida nem aprisionada.”<sup>2</sup> Eles são um grupo internacional de cyberativistas, que operam seguindo apenas ideias, sem comando definido.

A contemporaneidade dessas obras que figuram um tempo de distopia seria um indício do obscurantismo de nosso presente? Esse artigo pretende investigar como essas duas obras e suas adaptações cinematográficas ajudam a jogar uma luz sobre nosso presente. Sem chamar a nenhuma delas de profética, pretendo investigar como os livros e suas adaptações figuraram os seus presentes, e como os ecos desse passado materializam no nosso tempo, quando acontecimentos históricos dialogaram com *1984* (*Nineteen Eighty-Four*, Michael Radford, 1984) e *V de Vingança* (*V for Vendetta*, James McTeigue, 2006).

O editor de *1984*, Fredric Warburg, escreveu que “este conta entre os livros mais assustadores que já li” (1975 [1948], p. 247). De certa

---

<sup>2</sup> <http://www.anonymousbrasil.com/sobre-anonymous/>

forma, na língua inglesa, o romance de Orwell aparece como o precursor das distopias – inclusive de *V de Vingança*. O que mais assusta nesse romance é como Orwell foi capaz de criar um mundo à imagem e semelhança do nosso, no qual os detalhes não apenas apontam para a verossimilhança como encontram uma correspondência.

A desumanização retratada no romance – e na adaptação cinematográfica dirigida por Michael Radford<sup>3</sup> – é o centro da narrativa. Num mundo totalitarista, as pessoas são vigiadas o tempo todo por televisores, chamados Teletela, o amor não existe mais e há um ministério responsável por reescrever a história, e criou uma língua, chamada Duplipensar, que, ainda em processo, irá impedir qualquer tipo de crítica ao regime.

Esse universo criado por Orwell figura aquele que emergiu ao final da Segunda Guerra e a Bomba Atômica. A adaptação cinematográfica dos anos de 1980, por sua vez, foi feita na época em que a Inglaterra tinha como Primeira Ministra Margaret Thatcher, quando seu governo conservador acabou quase do dia para a noite com o medo da dominação dos sindicatos.

Nesse cenário, de uma Guerra Fria quase agonizante, Radford, que também assina o roteiro, explora a uniformidade obscura que força as pessoas a abandonar sua personalidade. Para tanto, o poder sobre outro ser humano se mantém pela força – fazendo os outros sofrerem. O poder destrói as mentes que domina em partes para poder a reconstruir de forma que sirva aos seus interesses.

Winston Smith (John Hurt) é um funcionário do Ministério da Verdade, cuja função é ‘corrigir’ a história, reescrevendo e editando notícias antigas de jornal, e assim eliminar o passado. Quando conhece Julia (Suzanna Hamilton) surge um novo sentimento. O primeiro encontro acontece durante uma sessão em que, diariamente, os trabalhadores gastam dois minutos ofendendo uma foto gigantesca de um traidor foragido, Emmanuel Goldstein.

---

<sup>3</sup> A primeira é de 1956, dirigida por Michael Anderson, mas, nesse texto, sempre vou me referir àquela de 1984.

É tentador chamar de amor o que o protagonista começa a sentir. Porém, há uma ressonância maior em Smith. Esse encontro abre a percepção dele para o mundo em que vive, e também acaba o levando para o Quarto 101, conhecido como “o pior lugar do mundo”. Claro que as pessoas que entram nesse lugar veem a realidade de forma diferente. Ao mesmo tempo é uma fuga do mundo soturno em que vivem, mas, nem por isso este deixa de existir. Radford enfatiza a diferença entre esses dois pela fotografia: quando a porta do Quarto 101 é aberta se torna a entrada para um mundo colorido, onde prevalece a natureza, em contraposição ao marrom-acinzentado claustrofóbico dos ambientes onde os personagens circulam.

Em 1949, numa resenha do livro no *Times Literary Supplement*, Julian Symons afirma que “geralmente vemos as projeções do futuro com distanciamento porque parecem se referir a pessoas completamente distintas de nós”. Mas e quando vemos ou lemos 1984 em nosso presente, quando nós vivemos “nas projeções do futuro”? Nesse sentido, citando Jameson novamente, esse filme é “uma Utopia com propósito negativo de nos fazer mais cientes do nosso aprisionamento mental e ideológico” (JAMESON, 2007 [2005], p. xiii). Ora, o aprisionamento é praticamente inevitável, portanto, nada mais justo que, ao menos, possamos saber onde estamos presos, e tenhamos a capacidade de escolher qual o tipo de prisão vamos enfrentar.

As utopias – tanto positivas quanto negativas – podem servir a esse propósito de iluminar nosso tempo, e despertar do torpor. Em 1984, o personagem acaba sucumbindo, se entrega ao sistema, abre mão de seus sonhos e do sentimento por Julia. Uma vez que o poder sobre os homens se consuma, Orwell sugere que o ser humano se torna maleável, e na submissão apenas a autoconsciência é capaz de resistir.

Porém, os detentores do poder no romance (fora dele também?) sabem disso, e para evitar qualquer tipo de rebelião, aos poucos, limitam a linguagem. O Duplipensar é uma espécie de dialética do esvaziamento. É como se ter duas opções configuradas pudessem acabar com todas as outras que poderiam existir. É claro que essas duas possibilidades são aquelas que vão exatamente ao encontro dos interesses donos do poder dentro do filme. Aliado à linguagem da Novilíngua, serve para eliminar todo tipo de pensamento não mecânico. Isso, porém, segundo o romance, não aconteceria

antes de 2050 – afinal, uma mudança brusca, em pouco tempo, seria perceptível e poderia produzir um efeito contrário ao esperado.

Uma das figuras mais fascinantes em 1984 é O’Brien, no filme interpretado por Richard Burton. Infiltrado na Resistência, engana Winston e Julia, que acabam, mais tarde, torturados, numa das cenas mais impressionantes da literatura inglesa. De certo modo, ele encontra um correspondente no protagonista mascarado de V de Vingança – não apenas por conta de seus mascaramentos (um metafórico e outro de verdade), mas por suas ideias radicais em certo sentido parecidas, e suas visões de mundo quase diametralmente opostas.

O’Brien, assim como V, materializa a dialética do poder. Para ele, por exemplo, em massa, o homem é frágil, uma criatura covarde, e que precisa ser governada sistematicamente. O mascarado, por outro lado, prega a união para a derrubada dos políticos, pois eles precisam servir ao povo, e não o contrário. O agente duplo de 1984 também acredita que o Partido é um eterno guardião dos fracos, sacrificando a si mesmo pela felicidade dos outros. Já V, bem, V explode o prédio do tribunal inglês, o Old Bailey, ao som de Tchaikovsky, no começo do filme.

Os quadrinhos *V de Vingança* foram originalmente publicados na Inglaterra em forma serial entre 1981 e 1988. Numa introdução da época quando foi lançado num volume único, seu roteirista Moore refere a si mesmo e ao desenhista Lloyd como Cassandras, reiterando o tom premonitório do livro quanto à ascensão do conservadorismo na Inglaterra da década de 1980, e faz a comparação:

Agora é 1988. Margaret Thatcher entra em seu terceiro mandato e fala confiantemente sobre uma liderança Conservadora contínua para o próximo século. [Os] tabloides circulam a ideia de um campo de castração para pessoas com AIDS. [...] O governo já expressou o desejo de erradicar o homossexualismo até mesmo como um conceito abstrato, e só se pode especular qual minoria será a próxima vítima. (MOORE & LLOYD, 2005 [1988], p. 6)

Num período de apenas sete anos, a Inglaterra se tornou algo bem parecido com o pesadelo distópico retratado pela dupla Moore e Lloyd. E, no entanto não houve nenhuma figura do porte de um V estimulando as massas a insurgir contra o governo. Nem no Brasil, apesar das máscaras de Guy Fawkes, tal qual o filme, houve algum tipo de líder. O que parece ter acontecido foi mais a apropriação de um momento por outro que corrompeu suas origens e ideias. Numa entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, quando do lançamento de seu livro mais recente, o escritor brasileiro Bernardo Carvalho faz uma leitura precisa das manifestações de junho passado em São Paulo:

Sobre manifestações, fui a três. A primeira, da [avenida] Brigadeiro Faria Lima [em 17/6], era classe média, bonitinha, o Brasil não estava representado ali. Dias depois teve a da [avenida] Paulista e tinha de tudo, sobretudo uma plataforma contra a corrupção, o que é estranho, porque todos são contra a corrupção. Notei um ódio no qual reconheci esse anônimo da internet. Pensei: “Não quero ser identificado como um deles nem ser governado por quem eles queiram como representante”. O ícone dessa gente é Marina Silva, e não quero ser representado por ela. A terceira manifestação, contra o Feliciano, não tinha nem mil pessoas. Era um tema urgente, gravíssimo, e aí a sociedade não participou.<sup>4</sup>

A máscara no rosto do personagem V – no filme interpretado por Hugo Weaving – assim como aquela no rosto dos manifestantes brasileiros é algo sintomático: as aparências que se mostram e escondem sua ideologia mais profunda. Os mascarados da Paulista, do centro de São Paulo e da Faria Lima bradavam slogans como: “Não é apenas pelos 20 centavos” ou “O gigante acordou”. Aparentemente, não era apenas pelo aumento nos transportes públicos – era também contra a corrupção, mas, paradoxalmente, a palavra ‘capitalismo’ praticamente não apareceu, a massa não parecia estar contra o sistema.

<sup>4</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/130002-voce-acha-que-usa-a-internet-mas-esta-sendo-usado-por-ela.shtml>

No começo de *V de Vingança* vemos uma montagem em paralelo de V e Evey (Natalie Portman) cobrindo seus rostos. Sob o ponto de vista dele – a câmera como se fosse seus olhos – ele veste a máscara de Fawkes, enquanto ela aplica maquiagem em sua face. No filme, temos a impressão de que apenas uma parede os separa, como se os dois fossem dois lados de uma mesma moeda – e não o deixam de ser. Jamais vemos o rosto do personagem, vítima de um experimento científico do governo, e, o que transcende sua individualidade, e o transforma num tipo de herói bastante diferente dos de quadrinhos, longe do vingador típico com superpoderes. V é, dentro da narrativa, acima de tudo um personagem, encenando para uma plateia num teatro:

A máscara se torna um símbolo para a recuperação crucial da história que não apenas é um fator importante na narrativa como um todo mas também permite que o aspecto crítico do livro alcance o leitor com mais impacto. [...] A figura de V [faz seu papel no teatro] dando voz às correntes ideológicas. (MOREIRA, 2007, p. 108)

*V de Vingança* não deixa de ser um filme sobre ritos de passagem: o despertar e a educação político-ideológica de Evey – ingênua funcionária de um programa de televisão vivendo numa época obscura da história da Inglaterra, que, apesar de se dar conta disso, não cogita qualquer tipo de ação.

Esse amadurecimento começa quando Evey é salva de agentes da lei por V, e que terá seu clímax quando ela é sequestrada, aprisionada, raspam-lhe os cabelos, e torturada, para, mais tarde, descobrir que tudo foi, mais uma vez, encenação de seu amigo que pretende a preparar para assumir o seu lugar como líder.

A função de V é, no fundo, abrir os olhos sobre opressão que seus contemporâneos vivem. Para isso se vale de atos de terrorismo explodindo prédios e clamando as multidões às ruas. Tais quais os nossos, são tempos em que “a liberdade individual foi completamente abolida em nome do – suposto – bem público” (CARRETERO-GONZÁLES, s/d, p. 210). Nessa trama, os terroristas estão

apenas, no entanto, reagindo ao terrorismo do próprio Estado: “porque um deveria ser mais legítimo que o outro?” (ibidem, p. 214).

V diz que:

Anarquia usa duas faces, ambas de criador e destruidor. Esse destruidor tomba impérios, faz uma tela de pedregulho, onde os criadores podem construir um mundo melhor. Pedregulhos, uma vez alcançados transforma em irrelevante os significados novas ruínas. (MOORE & LLOYD, 1988, p.248)

As duas faces da anarquia se materializaram em São Paulo, em julho passado. Na verdade, não é tão simples assim localizando apenas duas faces dentro de um evento tão grande e de caráter fragmentando e um tanto ingênuo – o fim da corrupção? Sério? – como os protestos de junho no país. Na verdade, a máscara de Guy Fawkes, revolucionário católico do século XVI, que tentou explodir o Parlamento Britânico – num episódio de 1605, que ficou conhecido como Gunpowder Plot – é tanto ideias fora do lugar, quando, ao mesmo tempo ideias no seu devido lugar.

O que um rosto revolucionário inglês de meio milênio atrás fazia nas ruas do Brasil? Elas começaram a ser usadas em meados da década passada, ao redor do mundo, em protestos contra bancos e grandes corporações. Ao mesmo tempo, remetendo a *V de Vingança* (tanto o livro quanto o filme), a imagem de Fawkes é o símbolo de um levante, do clamor pela tomada do poder – o que veio bem a calhar à ideologia da oposição.

Nosso presente nada mais é, claro, do que resultado do passado. Tanto 1984 quanto *V de Vingança* figuraram os seus tempos – pós-Segunda Guerra e anos de 1980. Suas adaptações cinematográficas, datadas de 1984 e 2006, respectivamente, estabelecem um diálogo com seu tempo sem, é claro, abrir mão da essência do original.

Tanto o filme *1984*, quanto os quadrinhos *V de Vingança*, figuram a ascensão do conservadorismo na Inglaterra – e, por que não?,

no mundo ocidental. O iminente fim da Guerra Fria apontava para uma hegemonia americana. Duas décadas mais tarde, a adaptação do gibi de Moore e Lloyd têm outro cenário. Se o original, segundo Moore, falava de dois extremos políticos, enquanto a adaptação cinematográfica é sobre “o atual Neo-conservadorismo americano vs o liberalismo”<sup>5</sup>. O roteirista confessou não ter gostado da adaptação – como sempre acontece em relação às suas obras. Já Lloyd se mostrou bastante contente com o resultado final – apesar das alterações que o original sofreu em sua transposição.

Certa vez, enquanto a Primeira Ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher dizia que “não há alternativa” (no original, “There is no alternative”, que ficou conhecido com apenas TINA). Porém “[tal] fatalismo pode apenas ser desafiado se um novo sujeito político (coletivo) emergir” (FISHER, 2009, p. 53). Nesse sentido, o personagem V está exatamente materializando as ansiedades e anseios de seu tempo, esperando que o gigante adormecido se desmanche em indivíduos conscientes de seu papel e dotados de questionamentos, e que sejam capazes de escolher as prisões cujos muros serão mais fáceis de se detonar.

## REFERÊNCIAS

CARRETERO-GONZALES, Margarita. **Sympathy for the Devil: The hero is a terrorist in V for Vendetta**. Disponível em [http://www.academia.edu/281169/Sympathy\\_for\\_the\\_Devil\\_The\\_Hero\\_is\\_a\\_Terrorist\\_in\\_V\\_for\\_Vendetta](http://www.academia.edu/281169/Sympathy_for_the_Devil_The_Hero_is_a_Terrorist_in_V_for_Vendetta). Acesso em: 22 set. 2013.

COZER, Raquel. “Entrevista com Bernardo Carvalho: Você acha que usa a internet, mas está sendo usado por ela”. **Folha de São Paulo, São Paulo, 21 set 2013. Disponível em** <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/130002-voce-acha-que-usa-a-internet-mas-esta-sendo-usado-por-ela.shtml>. Acesso em: 22 set. 2013.

---

<sup>5</sup> [http://web.archive.org/web/20070305213808/http://www.comicon.com/thebeat/2006/03/a\\_for\\_alan\\_pt\\_1\\_the\\_alan\\_moore.html](http://web.archive.org/web/20070305213808/http://www.comicon.com/thebeat/2006/03/a_for_alan_pt_1_the_alan_moore.html)

CRICK, Bernard. "Nineteen Eighty-Four: Context and Controversy". RODDEN, John (Ed.). **The Cambridge Companion to George Orwell**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2009 [2007]. Capítulo 12, p. 146-159.

FISHER, Mark. **Capitalist Realism - Is there no alternative?**. Winchester & Washington: O Books, 2009.

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the future - The Desire called Utopia and other Science Fictions**. London & New York: Verso, 2007 [2005].

MACDONALD, Heidi. "A for Alan, Pt 1: The Alan Moore interview". The Beat. March, 15, 2006. [http://web.archive.org/web/20070305213808/http://www.comicon.com/thebeat/2006/03/a\\_for\\_alan\\_pt\\_1\\_the\\_alan\\_moore.html](http://web.archive.org/web/20070305213808/http://www.comicon.com/thebeat/2006/03/a_for_alan_pt_1_the_alan_moore.html). Acesso em: 23 out. 2013.

MOORE, Alan & LLOYD, David. **V for Vendetta**. New York: Vertigo/DC Comics, 2005 [1989].

MOREIRA, Pedro. "Overthrowing Vengeance: The role of visual elements in V for Vendetta". **Spaces of Utopia: An electronic Journal**. Spring 2007. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3903.pdf>. Acesso em: 22 set. 2013.

ORWELL, George. "Nineteen Eighty-Four" [1949]. In: **The Complete Novels**. London: Penguin Books, 2000 [1983].

SYMONS, Julian. "Review in the Times Literary Supplement" [1949]. MEYERS, Jeffrey (Ed.). **George Orwell - The Critical Heritage**. London & Boston: Routledge & Kegan Paul, 1975. Capítulo 78, p. 251-256.

WARBURG, Fredric. "Publisher's Report" [1948]. MEYERS, Jeffrey (Ed.). **George Orwell - The Critical Heritage**. London & Boston: Routledge & Kegan Paul, 1975. Capítulo 77, p. 247-250.

## REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

**1984**. Michael Radford. Reino Unido. 1984. DVD.

**V de Vingança**. James McTeigue. Alemanha/EUA/Reino Unido. 2006. DVD.